

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 302
8 de agosto de 2015

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

Antes de tudo queria avisar que na segunda parte desta aula, antes de responder as perguntas, vou fazer uma breve apresentação da nova rede social *The Real Talk*. Serão cinco minutos que depois será destacada da aula e enviada para o pessoal da Rádio Vox, para começar uma difusão mais sistemática disso daí. Já anunciamos um pouco pelo próprio Facebook.

Nesta primeira parte eu quero retomar o tema da perda da cosmologia medieval¹ — que na verdade não é propriamente medieval, mas é bem anterior. E podemos de certo modo usar o mesmo critério de divisão cronológica empregado pelo C. S. Lewis no livro *The Discarded Image* (A Imagem Descartada), cujo título se refere precisamente a essa cosmovisão. Ele divide a história das cosmovisões em três etapas:

- 1) Etapa selvagem, ou primitiva, onde a imagem do cosmos refletia (segundo ele) a reação imaginativa do homem “primitivo” ante a visão do universo e da sua própria posição no universo.
- 2) Etapa medieval, que não mais refletia essa experiência direta e primitiva, por assim dizer, mas sim toda uma tradição, de maneira que a visão do mundo do homem medieval não expressava tanto a sua experiência quanto uma acumulação cultural que vinha desde a Antigüidade. Para comprovar isso, Lewis cita inúmeros textos da Antigüidade que serviram de base para a cosmovisão medieval e ressalta que os intelectuais da Idade Média eram essencialmente homens livrescos — para eles, a leitura era o instrumento fundamental; então essa documentação que vinha da Antigüidade tinha um peso enorme para os homens daquele tempo (já vamos voltar a este assunto desta documentação).
- 3) Etapa moderna, onde a visão do mundo é baseada na “observação científica”.

Embora essa divisão cronológica, grosso modo, esteja certa, eu acho que ela não é satisfatória. Isso pelo seguinte motivo. Quando você observa algo da cosmovisão das civilizações antigas, você vê nelas um requinte científico-matemático muito superior àquilo que temos hoje na modernidade. Um exemplo disso é o grande livro (publicado em dois volumes imensos) do arqueólogo polonês Schwaller de Lubicz, publicado em francês sob o título *Le Temple dans l'homme* (O Templo no Homem), onde são expostas suas observações feitas no Templo de

¹ Tema tratado na aula 301, 1º de agosto de 2015. Ver também as aulas 300 e 303.

Luxor, no Egito, interpretando-o como um modelo cosmológico. A coisa é de uma riqueza e de uma precisão quase inimagináveis, sem falar os elementos da tecnologia egípcia que até hoje são inexplicados e dos quais a nossa ciência não consegue dar conta. Por exemplo, até hoje ninguém sabe como, para construir as pirâmides, eles conseguiram levantar pedras do tamanho de uma casa e empilhá-las até alcançar uns setenta metros de altura. De modo que, interpretar a cosmovisão da Antigüidade como uma simples fantasia imaginativa resultante do impacto do universo sobre a mente do homem primitivo, não me parece de maneira alguma correta. O que temos de admitir é que essa cosmovisão primitiva é um mistério, não sabemos onde ela surgiu. Mas, pela sua riqueza e complexidade, ela evidentemente não pode ser explicada por nenhuma psicologia do homem primitivo.

Aliás, essa teoria do homem primitivo já foi para o brejo há muito tempo pelo próprio criador da teoria, Lucien Lévy-Bruhl. No início de sua carreira, ele criou a teoria da mentalidade primitiva, explicando que a mente do homem primitivo funcionava de uma maneira diferente da nossa. Depois, no fim de sua carreira, ele pediu uma sessão na Academia Francesa e disse que a sua teoria estava totalmente errada: as categorias de pensamento são as mesmas, a lógica é a mesma. Enfim, ele não via nenhuma diferença entre a mente do homem primitivo e a do homem moderno, a não ser algumas informações que nós temos e eles não tinham e outras que eles tinham e nós não temos. Em vista disso, eu acho que qualquer conceito de primitivo tem de ser visto com muita suspeita ou pelo menos com muita prudência.

Lembro-me do episódio em que uma região no nordeste brasileiro passava uma seca desgraçada, ninguém conseguia resolver aquilo, não conseguiam transportar água, não conseguiam fazer chover, não conseguiam nada. Daí alguém no governo Fernando Henrique teve a idéia de chamar dois pajés indígenas que, segundo diziam, saber fazer chover. Chamaram os pajés, eles foram lá, fizeram os ritos deles e disseram que sairiam dali, pois viria o maior pé d'água. E, de fato, veio. Daí apareceu todos os intelectuais dando grandes explicações antropológicas. Mas, ora, uma explicação antropológica não pode explicar um fenômeno atmosférico, isso é uma coisa elementar. Pode-se dizer "mas é a cultura indígena", porém o problema é que algum conhecimento do *modus operandi* da natureza física eles tinham; se a coisa funcionou é porque eles sabiam fazer funcionar. Você não sabe. Então como é que você, que não sabe o que ele está fazendo, vai conseguir explicar o que ele está fazendo? É mais fácil o índio explicar a sua cultura do que você explicar a dele, já que neste ponto pelo menos ele está sabendo mais.

O valor de veracidade objetiva dos conhecimentos ditos ou primitivos, ou medievais etc. é a questão sempre escamoteada em todas essas discussões. Quer dizer, o estudioso moderno já assume uma postura de que a nossa cultura é superior, sabe mais, abrange mais etc., então tudo o que está na outra cultura só pode ser explicado subjetivamente: são elementos daquela cultura, são criações culturais etc. Sim, mas tudo o que fazemos são criações culturais — acontece que algumas criações culturais refletem algo da realidade objetiva e outras não. Ou seja, não faz sentido comparar, por exemplo, a tecnologia desses dois pajés à história de Chapeuzinho Vermelho. As duas são criações culturais, só que esses conhecimentos deles algum valor científico objetivo tem, o qual você não sabe explicar. Ora, a ausência de uma explicação não é prova da falsidade de uma idéia. Não é porque não sei explicar a idéia do outro que ela passa a ser falsa, ao contrário: se ele sabe fazer e eu não sei, então o burro sou eu, não tenho nada o que explicar. Quer dizer, a ignorância não pode explicar a conhecimento, por definição. Ou você descobre qual é o princípio fundante da tecnologia desses dois pajés, ou você cala a boca, burro, e vai aprender com eles.

Orlando Villas-Bôas uma vez me contou uma história fantástica de dois meninos índios que haviam se perdido no mato e ressaltava que o pessoal da cidade pensa que índio gosta de mato, mas índio tem terror do mato, só quem entra no mato são os índios mais velhos e experientes e o restante da tribo não sai da taba, não é besta. Mas eis que esses dois meninos tinham se metido no mato e sumiram. Foi Funai, Exército, ONU, todo mundo lá procurando os moleques e não acharam. Daí eles ouviram falar de um pajé de outra tribo que encontrava qualquer coisa ou qualquer pessoa, e chamaram o pajé. Disse então Orlando Villas-Bôas que o pajé os reuniu a todos numa oca grande, fez lá os ritos dele e falou que, quando terminasse, os meninos iriam estar na porta. Dito e feito: quando ele terminou, apareceram os dois meninos na porta. Eu sei fazer isso? Não sei. Orlando Villas-Bôas também não sabia, nem o pessoal da ONU nem o pessoal da Funai sabiam, ninguém sabia; contudo, devem ter aparecido, naturalmente, as explicações antropológicas. Pergunto eu: [0:10] como é que uma explicação antropológica pode explicar a localização de duas pessoas no meio do mato? A antropologia não trata disso, ela não é topografia, não é geografia, não é aerofotogrametria, não nenhuma das técnicas capacitadas a localizar uma pessoa no meio do mato. Então isso quer dizer que aquele pajé tinha alguma tecnologia que não conhecemos e que, portanto, não podemos explicar de maneira alguma.

Esse privilégio da explicação é um dos elementos do culturo-centrismo, ou, como costumo chamar, o cronocentrismo: achar que a sua época, o seu tempo, é o centro iluminado e o resto todo são zonas de sombra, nas quais o nosso tempo iluminadíssimo vai lançando a sua luz. Eu acho que isso é uma coisa tão fácil de impugnar, tão fácil de desmascarar, que as pessoas só não o fazem porque estão interessadas nisso: porque de algum modo o prestígio delas depende deste mesmo preconceito cronocêntrico. Eu percebi isso muito tempo atrás (acho que há mais de quarenta anos), percebi que tinha algum treco errado nisso e percebi que, para a minha própria formação, eu jamais poderia seguir esse critério cronocêntrico. Quando jovem estudante, eu pensava: quero me aproximar dos melhores conhecimentos que existem à disposição do ser humano; como não tenho de prestar satisfação a nenhum currículo universitário, posso investigar aonde eu queira, posso vasculhar tudo, posso ler o que quiser, não tenho de ler só aquelas coisinhas para fazer um exame do fim do ano, então estou livre para investigar: quero procurar o que há de melhor, de mais válido, de mais sólido e de mais útil em todos os elementos culturais que eu vasculhar.

Duas coisas então se tornaram para mim uma espécie de princípio guiador. O primeiro é aquele princípio jornalístico que ninguém segue: ouvir o outro lado. Isso é uma coisa que nas redações todo mundo diz, mas que ninguém jamais pratica. Se você está de um lado, tem de ouvir o outro, mas o jornalismo só ouve o outro lado para esculhambar com ele, evidentemente. É como fizeram agora no debate na Fox News: convidaram Donald Trump só para esculhambar com a cara dele. É verdade que ele deu a volta por cima e se saiu melhor, mas essa não era a intenção da Fox News. A intenção não era fazer um debate honesto, mas queimar Donald Trump. Os outros candidatos todos são muito fraquinhos, não intelectualmente. Eu acho Mike Huckabee um gênio, mas infelizmente ele não é popular, não tem voto. De repente aparece esse maluco do Trump que encantou todo mundo simplesmente dizendo o que todo mundo sabe. Ele até disse muito corretamente que se não fosse por ele, o tema do imigrante ilegal nem apareceria no debate. E veja, os imigrantes ilegais não são nem dez por cento da população, mas são responsáveis hoje por trinta por cento dos homicídios nos EUA, então é claro que é um assunto grave. Esse debate da Fox News é um modelo do jornalismo atual: fingir que vai ouvir o outro lado, quando na verdade não vai ouvir, e sim fazer um processo contra ele, ou seja, você está julgando o outro lado. Quando eu comecei a trabalhar no jornalismo, de fato, não era assim: as pessoas ainda tinham aquela precaução de

tentar ouvir os dois, ou os três, ou os quatro lados sem julgá-los, e entregar o material para que o leitor chegasse à sua conclusão.

Esse princípio (que se é válido no jornalismo, é infinitamente mais válidos nas ciências) é o princípio mais violado e mais desprezado em todo o universo do conhecimento moderno. Ouvir o outro lado é ouvir principalmente aquele lado que não é normalmente ouvido. Isso significa você se abrir justamente até para aquelas idéias e opiniões que lhe parecem as mais repugnantes à primeira vista. Eu digo: se elas me parecem repugnantes, tenho de pôr isso entre parênteses, estudá-las e depois chegar à conclusão para ver se elas são repugnantes mesmo ou se eu estava enganado. Isto quer dizer que você tem de ouvir o ponto de vista nazista, comunista, vegetariano, espírita, tudo. Aquilo que você menos gosta é o que você tem de ouvir. Até outro dia eu estava lendo um depoimento do Pedro Sette Câmara, contando que, depois de muito tempo, decidiu fazer um curso de Letras e descobriu que nem tudo ali era ruim. Cita, como exemplo, ter descoberto Georg Lukács e que a obra dele até que tinha algum valor. Claro que tem! Mas isso eu já sabia há cinqüenta anos, aos 17-18 anos eu estava lendo Georg Lukács que nem um doido, e entendo perfeitamente o valor disso. Comparado comigo Georg Lukács era um gigante, eu era uma formiga — com o passar do tempo nosso senso de medida vai se aprimorando. Eu sei, Georg Lukács era um pensador bom, mas comparado com Eric Voegelin, com Bernard Lonergan ou com Xavier Zubiri é um mico. Normalmente julgamos a estatura das pessoas pela nossa própria estatura. Então aquilo que parece grande em comparação conosco nos parece sempre gigantesco, e às vezes não é, porque atrás tem outro gigante maior.

Para adquirir um senso de medida que reflita a objetividade das coisas dentro de uma escala universal, você precisa ter adquirido muita cultura, precisa ter estudado durante muito tempo, e isso não é coisa para um moleque. Você começa a ter algum senso de medida depois dos 50 anos. Por isto mesmo você vai ver que as grandes obras filosóficas foram escritas por homens de cinqüenta e sessenta anos, e não por jovens. Filosofia não é como poesia, ou como matemática, ou como música, no qual, aos doze anos a pessoa pode ser um gênio. Não existe gênio filosófico de doze anos de idade, nem de quinze e, se você quer saber, nem de vinte. Quando aparece um gênio filosófico, é como Otto Weininger: um gênio, teve umas idéias esquisitíssimas, e tão esquisitas, que ele leu o próprio livro e decidiu estourar os próprios miolos. É um dos poucos gênios precoces com uma teoria que é muito sugestiva, mas que na maior parte dos casos está errada: é um produto de imaginação e não de sabedoria.

Esta é a primeira norma: ouvir sempre o outro lado. Isto quer dizer, por exemplo, que eu, conhecido como um sujeito muito anticomunista, até hoje leio as produções comunistas com toda a abertura, com toda a compreensão. Sou um admirador de Antônio Negri — admirador pela força, não pela qualidade humana; ele não prestava, mas era um gênio, assim como Lukács também não prestava, mas era um gênio. Até hoje eu me abro para essas coisas sem medo. Eu não tenho medo da contaminação: isto eu quero ensinar para vocês. Se você não quer se contaminar pelas idéias do seu adversário, você não pode ouvi-las, tem de se recolher fechado dentro de uma redoma como uma alminha pura e cândida que não pode ser contaminada, não pode ver um exemplar da revista *Playboy* na banca porque vai corromper a sua alma. Se é assim, é melhor não estudar nada, você fica naquela inocência pueril, sem se contaminar. Agora, se você é um homem de estudos, você vai necessariamente se contaminar, porque senão você é como um guerreiro que não quer ter contato com o inimigo, aonde o inimigo vai é aonde você não vai: “Não quero encostar nisso aí porque faz mal”. Eu pergunto: como é possível você fazer uma guerra? Como é possível você trocar sapatos com o sujeito sem encostar nele e sem sujar as suas mãozinhas? Não é possível. Isso vale para a guerra intelectual, como vale para qualquer outra guerra. Então esse é o primeiro princípio.

O segundo princípio — um corolário, uma consequência do primeiro — é aquela frase de Leopold von Ranke, o grande fundador da ciência histórica moderna: “*Todas as épocas são iguais perante Deus*”. Então, não vou privilegiar o ponto de vista do meu tempo, não vou achar que quem veio antes de mim é necessariamente mais burro do que eu — porque você não precisa ser muito inteligente para perceber que Platão é mais inteligente que você. E às vezes você encontra nos autores antigos algumas noções que são demonstravelmente erradas. Mas você tem idéia de quantas idéias demonstravelmente erradas você tem? Não tem ainda. Eu vejo o número das minhas idéias erradas que foram sendo superadas ao longo do tempo: é enorme. Então não adianta rir de um autor antigo [0:20], pensando que ele sabia menos do que eu, porque eu também sabia menos do que eu comparando com o tempo. À medida que fui avançando nessas coisas, eu vi que toda a ciência antiga e medieval era terrivelmente mal compreendida pelo *establishment* acadêmico, embora houvesse, dentro desse *establishment*, sempre alguns estudiosos mais profundos que dedicavam alguma atenção melhor a essas coisas e entendiam que não estavam entendendo.

Um dos tópicos que eu percebi que a modernidade de fato não entendia — e sobre o qual escrevi algumas coisas muito toscas trinta ou quarenta anos atrás —, é exatamente esse problema de cosmovisão, ou, dito de outro modo, da representação gráfica da cosmovisão. Hoje as pessoas pegam um mapa geocêntrico da Idade Média e um heliocêntrico atual e dizem que o primeiro estava errado, porque agora sabe-se que as órbitas planetárias são heliocêntricas. Acontece que, fazendo isso, as pessoas estão comparando, não duas cosmologias, mas duas cosmografias — dois desenhos, dois mapas apenas. Acontece que o que está contido em um mapa atual são apenas as posições dos astros, nada mais. Ali não tem mais nada, é como se você tirasse um retrato do céu, e pronto. No mapa medieval tem muito mais do que isso. Aquele mapa é ao mesmo um mapa dos céus e um mapa da consciência humana, os dois articulados entre si. Isto quer dizer que esses mapas antigos — geocêntrico ou heliocêntrico, porque já existiam modelos heliocêntricos naquela época — não eram pura cosmografia, eles eram um resumo gráfico de uma cosmologia, isto é, de uma concepção integral do cosmos, da posição do homem nele, do destino humano e de toda a realidade espiritual que transcendia a própria condição física do ser humano. Tudo isso estava contido em um mapa medieval.

As pessoas hoje dizem então que esses mapas estão errados. Na verdade, eles estão errados apenas sob um ponto de vista: o ponto de vista limitado dessas pessoas, que é puramente cosmográfico. Que mapa cosmológico você e toda a ciência atual têm a oferecer ao ser humano? Resposta: nenhum. Então vocês não têm um produto idêntico para comparar com aquele e dizer que o seu é melhor — vocês simplesmente não entendem o produto antigo. Você o compara com alguma coisa que não tem absolutamente nada a ver.

Uma das características dessa cosmologia medieval era a idéia de coexistência de dois centros: um centro humano e um centro divino. Eles colocavam a Terra no centro porque ela é o ser humano. Este é, até hoje, o centro da nossa perspectiva. Todos nós andamos sobre a Terra e, como dizia Edmund Husserl, esta Terra na qual andamos não se move. A única Terra que se move é uma Terra hipotética vista de uma posição celeste. Hoje até podemos mandar um satélite lá fotografar, filmar etc., mas durante muito tempo — no tempo do próprio Copérnico e Galileu — o ponto de vista do qual se podia falar de um movimento da Terra era um ponto de vista extraterrestre, no qual ninguém podia se colocar materialmente e que, portanto, não podia ser testado fisicamente, mas apenas fazer certas deduções matemáticas: deve ser assim ou deve ser assado. Dito de outro modo: hoje nós não temos um mapa cosmológico.

Neste mapa medieval antigo, que é o mesmo do tempo de Cícero e da Idade Média, as várias esferas planetárias correspondem a distintas dimensões da experiência humana, exatamente como aparece também no livro *A Chave Espiritual da Astrologia Muçulmana segundo Mohieddin Ibn-Arab*, de Titus Burckhardt (que se baseou no livro de Ibn-Arab). Ibn-Arab provavelmente copiou de uma fonte ocidental, porque já existiam os modelos de Santa Hildegarda de Bingen setenta anos antes do nascimento dele; portanto, ele pode ter recebido essa informação de lá. Ele trata essas esferas planetárias como se fossem escalas numa ascensão espiritual, onde o iniciado sufi, à medida que transpunha as esferas planetárias, chegava a outras dimensões de consciência que lhe davam a absorção dos conhecimentos essenciais trazidos por profetas anteriores a Maomé. Quando o iniciado sufi passava à esfera lunar, por exemplo (a esfera lunar era tida nessas duas cosmologias, tanto na medieval quanto na islâmica, como a fronteira entre o mundo da existência física e o mundo espiritual), então ele obtinha ali alguns conhecimentos que tinham sido trazidos por Adão, que seria o primeiro dos profetas (e Ibn-Arab coloca Jesus como um profeta entre os outros, o que é normal no mundo islâmico). Então o iniciado passava pela esfera de Jesus, pela esfera de Arão, até chegar à última esfera que era a de Abraão, a partir da qual terminavam os “pequenos mistérios”, como eram então chamados. Os pequenos mistérios são mistérios de ordem cosmológica: são mistérios sobre a estrutura do cosmos e sobre a posição do homem dentro dele. Somente a partir disso ele passava para os conhecimentos de ordem espiritual, propriamente dito, que eram conhecimentos de ordem divina que só o próprio Deus podia lhe dar pessoalmente.

Essa divisão de pequenos mistérios e grandes mistérios atravessa toda a história desde a Antigüidade até, grosso modo, o século XVIII. Isso articulava a imagem física do cosmos com a sua imagem funcional, por assim dizer, do ponto de vista da consciência humana. O detalhe mais interessante era justamente a coexistência de dois centros: um centro terrestre e um centro solar. Aliás, o próprio C. S. Lewis nesse livro (*The Discarded Image*) dá algumas fontes antigas a respeito desse centro solar. Ele, no livro, está se referindo à República de Cícero onde, no capítulo tal, tem uma história que chama “O Sonho de Cipião”. Cipião neto está conversando com Cipião avô, e o avô lhe dá uma série de explicações, e entre essas aparece a seguinte:

“No capítulo XVII (...), podemos notar que o Sol é a mente do mundo, *mens mundi*. Ovídio (Metamorfose, IV) fez do Sol *mundi oculus*, o olho do mundo. Plínio o Velho (História Natural, II) reverte a Cícero com uma pequena mudança: *mundi animus*, alma do mundo. Bernardus Silvestris usou ambos esses títulos honoríficos – *mens mundi... mundanusque oculus* [quer dizer, mente do mundo e olho do mundo]. [John] Milton que presumidamente não tinha lido Bernardus, mas com certeza tinha lido *O Sonho de Cipião* e Ovídio, e provavelmente também Plínio, faz o mesmo, ‘Tu, Sol, deste grande mundo olho e alma’. Shelley [já século XIX], provavelmente tendo em mente [John] Milton, levanta a imagem do olho a um nível mais alto: ‘o olho com que o universo se contempla a si mesmo e se reconhece divino’ (...).”²

Veja a antigüidade e permanência dessa imagem do Sol como o olho do mundo — quando Cícero escreveu isso, já era uma coisa velha, já estava na mitologia fazia tempo, e vem até o

² “In xvii (if it will not be thought too trifling) we may notice that the Sun is the world’s mind, *mens mundi*. Ovid (Met. IV, 228) made it *mundi oculus*, the world’s eye. The elder Pliny (Nat. Hist. II, IV) reverted to Cicero with a slight change: *mundi animus*. Bernardus Silvestris used both honorifics – *mens mundi... mundanusque oculus*. Milton, who had presumably not read Bernardus but had certainly read the *Somnium* and Ovid and probably Pliny, does the same, ‘Thou Sun, of this great world both eye and soul’ (P.L. V, 171). Shelley, perhaps with Milton only in mind, raises the eye image to a higher level: ‘the eye with which the universe Beholds itself and knows itself divine’ (Hymn of Apollo, 31)” C.S. Lewis, *The Discarded Image*. London: Cambridge University Press, 1964, pp. 26-27.

século XIX. Em pleno século da eclosão do cientificismo moderna, essa imagem ainda aparece em Shelley. Eu pergunto: mas isso é uma imagem literária? É claro que não, por que o que do mundo seria visível [0:30] sem o Sol? Aí remeto vocês à apostila “A Tripla Intuição”,³ onde digo que essa identificação do Sol com o olho e com a consciência é uma coisa estrutural no ser humano, isso não pode ser apagado porque, em qualquer situação onde não há uma fonte de iluminação artificial, o mundo é visível enquanto tem Sol e se torna invisível quando não tem Sol — a não ser que haja um reflexo lunar, que dá uma iluminação parcial, mutável, instável etc.

Existem então dois tipos de iluminação: uma iluminação plena e estável e outra iluminação parcial e instável. Esse simbolismo do Sol e da Lua é o que chamo “simbolismo natural”, ele não pode significar outra coisa. Isso não é uma imagem literária, nem uma figura de linguagem: isso é a tradução de uma experiência estrutural do ser humano. É claro que a civilização urbana coloca à disposição do ser humano tantas fontes secundárias de iluminação, que o indivíduo pensa que sempre foi assim, que sempre houve luz elétrica, que o homem de Neandertal também acionava o interruptor e aparecia uma luz. Mas durante milênios a experiência correta da visão do universo material é esta: o Sol é o olho do mundo.

Nós somos o olho do mundo? Não. Nós participamos disso, também somos iluminados e, graças a isso, vemos. Porém, não estamos no Sol, mas na Terra. Essa tensão do duplo centro é uma tradução muito exata. Por exemplo, compare isso com a famosa definição pitagórica da filosofia: “Amor à sabedoria”. Isto não quer dizer que o filósofo seja necessariamente um sábio, mas que ele ama algo que está acima dele; e se ele pensa que este algo é amável e digno de ser possuído, é porque essa sabedoria não é hostil ao homem, mas, ao contrário, ela de certo modo também o ama.

Portanto, existe a sabedoria que busca o homem e o homem que busca a sabedoria. Essa é outra experiência estrutural e permanente no ser humano: todos nós estamos nos dirigindo a um conhecimento que nos é superior, mas que não nos é hostil, ele nem foge de nós nem nos engana, ele está ali para ser possuído pelo ser humano — não possuído completamente, pois isso nunca ocorrerá, já que nós só alcançamos fragmentos: assim como não recebemos o Sol, mas apenas raios de sol. Disso vemos como essa imagem antiga e medieval traduzia toda uma concepção da posição do homem no cosmos e não somente os lugarzinhos dos planetas. E até a disputa de geocentrismo e heliocentrismo não faz diferença sob esse aspecto. Se você tem o duplo centro, então você pode desenhar tudo a partir daqui ou a partir de lá, que vai dar na mesma.

Quando se perde esta cosmologia, perde-se a possibilidade de interconectar as várias dimensões da vida. Pela cosmovisão medieval, por exemplo, você podia associar determinadas criações artísticas ou criações poéticas a certas esferas planetárias. Hoje você pode fazer isso? Por exemplo, pegue um tratado de astronomia e crie alguma relação entre todos esses conhecimentos astronômicos e a obra de William Shakespeare ou a *Divina Comédia*, ou as instituições do Estado americano, ou a constituição de qualquer República, ou ao regime comunista, ou a qualquer outro fato da história humana. Não há correlação, não há nenhuma possibilidade de correlacionar uma coisa com outra. Ou seja, do ponto de vista da compreensão da situação real do ser humano na história e no mundo, a ciência astronômica é inútil, ela só serve para estudar astronomia e para fazer viagens interplanetárias, talvez para orientar os navios etc. Serve para esses fins práticos, mas não tem significação.

³ <http://www.seminariodefilosofia.org/apostilas/>

Isto quer dizer que, com o banimento da ciência medieval, foi banida também a idéia do significado dos fatos. Você só pode estudá-los abstraindo-os da sua significação: eles não têm mais nenhuma significação humana. A significação humana é colocada apenas como uma criação cultural que não tem nenhum fundamento na realidade material. Eu pergunto: mas como? Você está querendo dizer que todas as culturas que existiram foram puras invencionices, sem base material alguma, sem nenhuma base num conhecimento do universo material? E essas culturas sobreviveram? Como é possível? Isso seria o maior milagre de todos os tempos.

Quer dizer, todos os produtos culturais das civilizações antigas são tudo loucura, imaginação, fantasia, e, no entanto, essas civilizações cresceram, prosperaram, duraram milênios etc. É uma coisa inteiramente absurda. Ou seja, ou essas civilizações tinham alguma noção objetiva da constituição do universo material, embora a constituição do universo material *em si mesma* não lhes interessasse, mas lhes interessasse sobretudo sua correlação com a vida humana; ou, então, vamos ter de explicar toda a história humana como uma sucessão extraordinária de milagres, só para poder conservar essa idéia da superioridade da ciência moderna. Quer dizer, para não abalar a autoconfiança do cientista moderno, você vai ter de explicar toda a história humana como uma sucessão de milagres. Só que daí a história como ciência vai para as cucuias também.

Veja o quanto é importante essa simples decisão de ouvir o outro lado e, sobretudo, ouvir os outros tempos: quebrar o culturo-centrismo, ou o cronocentrismo, como expliquei naquela conferência da Unesco, “O mais excluído dos excluídos”⁴. Quem são os mais excluídos dos excluídos? São aqueles que já morreram e não falam mais, eles só falam se você ler o que eles escreveram. Eles não têm voz ativa, mas apenas passiva, por assim dizer: você tem de desenterrá-los e fazê-los falar. Ou seja, sem um porta-voz atual, presente e vivo, os mortos morreram duas vezes: morreram fisicamente e historicamente, porque ninguém quer mais ouvi-los. Quando você se dispõe a ouvi-los, a sua imagem do mundo se modifica completamente, você percebe como é ingênua essa coisa da superioridade da cultura atual, percebe que isso é uma estupidez. Você só pode dizer que possui uma ciência superior quando consegue explicar a ciência anterior de uma maneira melhor do que ela mesma se explicava.

Quero lembrar: o mapa cósmico era um mapa mais ou menos inexato do cosmos físico e, ao mesmo tempo, o mais exato possível com relação à ligação da consciência humana com esse universo. Das duas uma: ou você constrói um mapa de uma maneira melhor que os antigos, ou, então, você pára de se sentir superior. No caso da cultura moderna, não é que ela não proponha algo superior ao modelo antigo, ela simplesmente não o faz de jeito nenhum.

Quando você ouvirem falar “cosmovisão científica”, saibam que estão ouvindo falar de uma coisa que não existe. Cosmovisão é uma visão abrangente do todo, não é só um modelo de como o universo físico funciona. Você tem de explicar como, dentro desse universo físico, certas coisas acontecem na esfera humana. Como você vai explicar a obra de Dante, ou as catedrais góticas, ou a obra de Shakespeare, ou a própria existência da ciência moderna? Se o sujeito me vem com um modelo evolucionista, tudo bem, pode ser que a evolução tenha acontecido mesmo. Só que ele vai ter de me explicar qual é o elo causal entre a evolução e a existência dele mesmo como cientista. Como a evolução produziu um ser humano? Se ele só tem hipótese, ou seja, ele supõe que a evolução, ao longo de trilhões de anos foi combinando células etc., etc. e, partindo de um protozoário, o criou [0:40] (o professor doutor catedrático não sei do que na Universidade não sei das quantas), isso é uma construção imaginativa

⁴ Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/os-mais-excluidos-dos-excluidos/>

apenas. Mostre-me aí a sucessão de elos causais que produziram Shakespeare. Veja, você não consegue explicar nem mesmo geneticamente por que dois sujeitos que evolutivamente (na escala da evolução) alcançaram altíssimo Q.I. (supondo que um escreveu as obras de Shakespeare e o outro não faz nada) têm produções intelectuais tão díspares. Não tem essa explicação. O mundo está cheio de pessoas de elevadíssimo Q.I. mas com produção intelectual nula. Por exemplo, a Madonna tem um Q.I. muito maior do que Shakespeare. Supondo-se que você conseguisse explicar toda a linhagem genética da Madonna desde o começo dos tempos até chegar nela, você ainda não explicaria por que ela, sendo tão mais inteligente do que Shakespeare, não consegue fazer o que ele fez.

Em suma: na ciência moderna não existe nenhuma relação possível entre o cosmos físico e o mundo humano. Por isto mesmo é que dividiram as faculdades em ciências naturais e exatas e ciências humanas, e o que existe entre os dois é apenas o caminho que vai de um prédio ao outro — esta é a única ligação. Se é assim, isso significa que as duas concepções, tanto aquelas que existem nas ciências naturais e matemáticas quanto aquelas que existem nas ciências humanas, são falsas, porque essas duas realidades existem dentro do mesmo universo. O mesmo universo onde a Terra gira em torno do Sol e o Sol gira em torno da Terra, é onde Shakespeare escreveu as suas obras, onde construíram as catedrais medievais, onde aconteceu um monte de coisa na história: aconteceu Napoleão, aconteceram as guerras, aconteceu o comunismo. Se tudo isso aconteceu no mesmo mundo e não há relação nenhuma entre esses fatos (se a ciência moderna não estabelece uma relação entre eles), então a ciência atual está furada e o modelo medieval ainda é melhor: ainda que ele esteja errado em muitos detalhes, ainda que como cosmografia ele não sirva, como cosmologia ele serve melhor que a ciência moderna.

Isso é uma coisa que muita gente no mundo sabe. Porém, a ascensão do atual modelo científico não aconteceu apenas na esfera intelectual: aconteceu também na esfera política, na esfera econômica, na esfera industrial etc. A conclusão é que existe um imenso esquema de poder que sustenta esse modelo, cujos membros morrem de medo de que caia — porque, se cair, todas eles caem junto. Por trás da afetação de honestidade, de idoneidade do mundo científico, existe tanta mentira quanto em qualquer outra dimensão da vida humana. Há os petrolões e mensalões científicos em grande quantidade. E, de tudo isso, qual é a conclusão que tiramos?

Eu mencionei em um artigo recente a idéia de Hegel: o Estado é maior criação da razão humana.⁵ Porém, Hegel não resolveu o seguinte problema: se ele é a maior criação da razão humana, ele não pode ser ao mesmo tempo o portador por excelência da razão humana, porque qualquer coisa que seja uma criação não é a força que a criou. Por exemplo, você diz que a melhor criação de Velázquez foi o quadro “As meninas”. Isto quer dizer que o quadro “As meninas” conseguia pintar outros quadros tão bem quanto Velázquez? Não, ele é apenas uma criação, ele não é uma força criadora. Hegel nos vendeu esse terrível engodo: o Estado, sendo a mais vasta, mais complexa e mais admirável criação da razão humana, é ele mesmo a encarnação da razão humana. E, a partir daí, o Estado se torna o juiz de todas as verdades. Por exemplo você lança uma teoria científica lindíssima. Como você faz para que essa teoria adquira autoridade perante o público? Só o Estado pode fazê-lo. No momento em que o Estado a consagra (estabelece que a teoria é verdadeira), ela tem de ser ensinada em todas as universidades e locais de ensino, e aí o Estado legitimou a ciência. Isso quer dizer que a ciência é escrava do Estado, ela tem de pedir: “pelo amor de Deus, legitime a minha teoria, senão

⁵ “O Estado e a razão”, 11 de julho de 2015, *Diário do Comércio*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/o-estado-e-a-razao/>

ninguém me ouve”. O sujeito membro do Estado que julga a teoria, ele seria capaz de criá-la? Eu sou Albert Einstein, faço lá minha teoria e daí tenho de pedir para o governante, para o Ministro não sei das quantas, por favor, coloca isso nos currículos porque isso é verdade. Isso vai ser julgado por um ministro idiota que não é capaz nem de entender a teoria!

No livro *O Sonho de Descartes*⁶, o autor demonstra que a pesquisa matemática atual é tão complexa, que os chefes de departamento não conseguem entender as pesquisas dos seus subordinados e, portanto, eles liberam verbas às cegas: “tem aqui um matemático dizendo que essa pesquisa é importante, vamos dar uma verba — mas não estou entendendo nada do que ele está falando”. Mesmo dentro da universidade a autoridade da ciência depende de quem não tem nem ciência nem autoridade nenhuma. Imagina na esfera total do Estado, por exemplo, quando a sua teoria chega na mão do Fernando Haddad para ele julgar, para ver se ela entra no currículo ou não! Você está lascado, você está se submetendo esses símios antropóides para julgar a sua teoria. Mas eles têm autoridade e você não tem, porque eles são o Estado.

O Estado é de fato uma grande criação humana, é só ver a complexidade da coisa. A mais complexa fuga de Bach, comparada com a estrutura do Estado, é uma coisinha de nada — então é uma grande criação da razão humana. E por isso mesmo o Estado não pode ser a encarnação da razão humana, não pode ter a autoridade da razão humana. Foi aí que comecei a me perguntar: quem tem a autoridade da razão humana? Resposta: o portador da razão humana, que é o ser humano. Não lembro quem falou que os poetas são os legisladores não reconhecidos da humanidade⁷. Mas não são os poetas: cada um de nós é um legislador não reconhecido na medida em que somos capazes de conhecimento real, objetivo. Qualquer cidadão é capaz disso, um mendigo.

Quando eu estudava no ginásio, no Parque Pedro II, geralmente saía de lá, subia a rua e ia ao Café Moka, na Praça da Sé, tomar um cafezinho. Lá tinha um mendigo árabe chamado Younan Hassan Boulos. Era um mendigo absolutamente fedorento, muitíssimo nojento, que ia lá nos pedir para pagar um cafezinho e dar um cigarro para ele fumar, e daí eu puxava papo com o Younan. Ele era um homem cultíssimo, ele sabia trechos e trechos de poesia e filosofia árabe, e eu pensava: meu Deus, o que esse cara está fazendo aí na rua? Simples, ele chegou em um lugar onde toda essa cultura árabe dele não servia para nada e virou mendigo. E ele já estava velho, não dava mais para começar outra carreira. Ora, o Younan era um portador da razão humana, ele era um portador do conhecimento humano, ele tinha autoridade — e autoridade divina. Por quê? Qualquer pessoa que diz que dois mais dois é quatro, diz com a autoridade divina, porque não fui eu (ou ele) que fiz dois mais dois dar quatro, foi Deus. Se eu digo uma verdade, Deus é a verdade, então Deus está na verdade. Todo mundo que diz uma verdade diz com a autoridade divina, qualquer um, qualquer Zé Mané, qualquer mendigo fedorento. Eu parei de conversar com ele porque depois descobri um boato de que ele era homossexual e queria me comer. Eu olhei para ele e falei: “Quero a minha mãe”; daí não fui mais ao Café Moka. Nem sei se ele era efetivamente homossexual ou se era apenas carência de comer alguém. No fim das contas, era eu o mais bobo que estava ali.

Qualquer pessoa, mesmo o mais baixo na escala social, tem a razão na sua plenitude. É o tal negócio: *Le citoyen contre les pouvoirs* (o cidadão contra os poderes). [0:50] Cada ser humano é portador da razão e, neste sentido, tem mais autoridade cognitiva do que o Estado, o que não quer dizer que ele tenha autoridade policial, política etc. O indivíduo humano está mais

⁶ *O Sonho de Descartes*, Philip J. Davis & Reuben Hersh. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

⁷ Esta citação é de Shelley.

qualificado para julgar a verdade e a falsidade do que o Estado. Neste sentido, tudo quanto é moda cultural vigente pode ser posto em dúvida, criticado, contestado sem nenhum problema. Não somos obrigados a aceitar isso só porque o Estado consagrou, principalmente se for o Estado brasileiro (que não passa de um bordel). De que jeito vou aceitar o parecer de dona Dilma, seu Lula, Fernando Haddad, José Dirceu? Qual é? Nós, que estamos em um país onde o Estado é uma coisa podre que está caindo a toda hora, levamos uma certa vantagem. A desmoralização do Estado não é uma coisa má em si mesma. Por que os cidadãos hoje têm a coragem de sair protestando na rua, fazendo panelaço quando a presidente abre a boca? Porque a autoridade do Estado caiu, e apareceu a autoridade da razão: eu sou um ser pensante, estou vendo com os meus próprios olhos, vou acreditar no que estou vendo e não no que este palhaço está dizendo. Deste ponto de vista, a desmoralização do Estado é uma libertação do cidadão. Agora, se amanhã ou depois construirmos um Estado maravilhoso, perfeito, onde tudo funciona, podemos cair na idolatria do Estado e nos tornarmos escravos dele e, então, passar a aceitar imposições que contrariam e negam a nossa prerrogativa de portadores da razão.

O Estado brasileiro está tentando impor essas coisas, mas não está grudando. Por exemplo, quanto à questão de como se dará a aceitação social de transexuais. Sim, temos de aceitá-los e tratá-los bem, mas não considerando-os mulheres. Não podemos perseguir um sujeito, tirar o emprego dele, só porque ele é um transexual. Mas se ele nos disser que é uma mulher, não temos de aceitar. Ele não tem um só órgão feminino, não tem uma só célula feminina, o ADN dele é masculino. Então ele é homem que não quis ser homem, quis ser uma terceira coisa. O que ele é? Eu não sei, isso não é problema meu, o problema é dele, ele que tem de dizer o que ele é. Mas aceitar como mulheres não podemos de jeito nenhum.

Isso nos coloca na posição daquela frase de Groucho Marx: “Você vai acreditar em mim ou nos seus próprios olhos?”. Por exemplo, aparece o senhor Laerte na minha frente dizendo que é uma mulher, eu tenho de dizer não, não é. Não vou falar mal dele porque está vestido de mulher, não vou fazer nada contra ele, ao contrário: se fizerem, eu vou defendê-lo. Mas querer me impingir a idéia de que ele é uma mulher, não, eu não sou idiota. Eu não posso ser obrigado a furar os meus próprios olhos só porque ele quer ser uma cosia que não é. Então isso é uma imposição brutal.

Gente, isso não tem nada a ver com moral sexual, pelo amor de Deus. As pessoas que combatem isso em nome da moral sexual são trouxas, estão caindo no engodo. Isso é uma imposição cognitiva destinada a desenvolver no cidadão o senso de que ele não tem a autoridade de olhar e saber, ele tem de aceitar o que ouve. Em vez de a verdade vir pelos seus próprios olhos, ela virá pelos seus ouvidos desde fontes autorizadas — e você terá de aceitar. Isto é uma mudança de dimensões antropológicas, é uma destruição da cognição e da percepção humana. E, comparado com isso, o aspecto da moral sexual é um detalhe. Com o que eles estão esculhambando? Com a nossa moral? Não, eles estão esculhambando com o nosso cérebro. É muito mais grave.

Esta coisa de fazer o ser humano declarar o contrário do que ele está vendo, isso foi profundamente estudado pelo Alexander Zinoviev na URSS. Alexander Zinoviev era um professor de lógica matemática e teve de inventar uma lógica especial para poder descrever essa situação. Leiam os livros de Alexander Zinoviev e vocês vão ver como é que o negócio funciona e como a destruição da inteligência e da consciência humana é profunda e às vezes irreversível, com efeitos neurológicos piores do que droga. Sempre que você se guia pelo que ouviu e prefere seguir o que ouviu àquilo que está vendo, você está trazendo um dano irreparável para a sua consciência. Você não pode fazer isso nunca na sua vida, por mais boa

vontade que você tenha: “Você está dizendo essa coisa, não estou contra você, não quero contrariá-lo, mas eu estou vendo de outra maneira”. Em que consistiu a filosofia grega? Consistiu em três palavras (isso é até em um trecho clássico de Julian María): teoria, logos e ser (*theoréin*, *logos* e *ón*). A filosofia consiste em olhar (*theoréin*), o ser (realidade) e dizê-la: Dizer o que viu: isto é a filosofia. Se perdermos essa capacidade, daí para diante a única coisa que temos para nos guiar é a propaganda do PT ou do Obama, ou qualquer coisa assim. Vamos supor que a sem-vergonhice, a mais extrema putaria se espalhasse pelo universo, que todo mundo estivesse comendo a mulher do vizinho, todo mundo fazendo suruba: isso seria menos grave do que não dizer o que vê. Você pode entrar na putaria e sair inteiro (eu mesmo sou uma prova viva disso). Você entra lá, depois sai e vê que perdeu seu tempo e que estava errado, você reconstrói a sua personalidade, mas reconstruir a sua consciência depois que a perdeu não tem jeito. Você não pode arrancar os olhos para estudá-los melhor, e é isto o que essas pessoas estão nos obrigando.

E, neste sentido, toda a comunidade científica, na medida em que pede o beneplácito do Estado, vive dele e o reforça — toda ela é culpada. Ela que permite, por exemplo, surgir um negócio como esse do aquecimento global — uma fraude monstruosa. É isso que permite, por exemplo, as pessoas fazerem raciocínios tão imbecis como esse com relação à caça: “é mais decente comer uma vaca que, presa numa baía, foi eletrocutada ou morreu com uma martelada na cabeça sem poder se defender, do que comer a carne de um urso que você mesmo matou com risco pessoal”. A pessoa que pensa isso perdeu totalmente o senso da proporção, ela pensa por imagens superpostas e o faz pior do que um bebê — porque um bebê reconhece a realidade. Ele não a reconhece toda, ele vai aprendendo, mas tudo o que ele aprende é porque reconhece o que está vendo. Não teve aqueles testes que mostraram que o bebê tem o reconhecimento imediato da beleza e da feiúra? Claro que o senso estético dele pode se aprimorar muito ao longo de tempo, mas se ele não tiver nenhum para começar, vai aprimorar o quê? Não se pode aprimorar o que não existe. Então o dano que essas coisas estão trazendo para o ser humano vai infinitamente além da sua moral. E só olhando para esse lado é que você percebe a monstruosidade dessa coisa.

Fica aí a recomendação: leiam os livros de Alexander Zinoviev para vocês verem como é que nós terminamos, que tipo de lógica entra na sua cabeça, que tipo de lógica essa gente bota na sua cabeça. Não é uma opinião que eles vão mudar, não: eles vão mudar o circuito todo, o *modus operandi* da sua lógica, de maneira que você não possa voltar à anterior. [1:00]

Aluno: Qual o ponto de estrago mental o senhor julga que estamos hoje no ocidente? Na União Soviética e demais países comunistas, onde essas técnicas de destruição da mente foram aplicadas, quais foram os resultados mais absurdos que podem ser comentados como ilustração?

Olavo: o primeiro e mais majestoso resultado é a economia soviética. Durante sessenta anos — eles que se propunham a fazer uma economia dirigida, planificada, centralizada (como se fosse uma obra de engenharia do governo) — a economia soviética apresentou unicamente estatísticas econômicas inventadas. Ou seja, onde eles se propunham a ter o maior controle, não havia controle algum — aquilo tudo era um caos. Como foi possível durar sessenta anos um país onde ministros tomam decisões baseadas em estatísticas que eles sabem que são falsificadas? Aquilo foi coisa de hospício, evidentemente. Tanto que a economia soviética, apesar de toda a ajuda americana (que foi um negócio monstruoso, incalculável), apesar de tudo isso, a União Soviética foi para o brejo. Quando caiu tudo, o investidor estrangeiro, evidentemente, viu aquele conjunto de nações em panderacos, entrou lá e comprou tudo a preço de banana. Na geração seguinte, a população russa estava chorando: “ah! Os imperialistas compraram tudo, levaram tudo que tínhamos”. Acontece que foram eles que

provocaram a desgraça. Eles acharam que o estrangeiro ficaria para sempre ajudando, que ele seria bonzinho como o foi o governo americano. Claro, o investimento estrangeiro pode até ter ajudado em alguma coisa, mas no, geral, eles queriam mesmo era comprar tudo a preço de banana. Mas isso é só um sinal da loucura; há ainda outro.

A União Soviética tinha a maior indústria editorial do planeta, as edições estatais (tudo controlado via KGB). Que editora ocidental podia competir com a editora do governo soviético, que imprimia tudo? De toda a produção de autores comunistas durante sessenta anos, o que sobrou? O que vale a pena ler? Resposta: nada. Um imenso investimento de dinheiro, de tempo, de papel e de neurônios: tudo jogado para o buraco. Aquilo foi uma loucura, evidentemente. Tudo o que se produziu de valor na União Soviética foi clandestino, foi oposição, enviado para o ocidente (França, Inglaterra, EUA) por contrabando e publicado. O que realmente sobrou da produção intelectual soviética é tudo o que era proibido.

E assim por diante: existem milhares de outros exemplos.

Aluno: A respeito da necessidade de ouvir sempre o outro lado, eu gostaria que o senhor comentasse sobre o espiritismo. Pode-se considerá-lo cristão ou uma deturpação do cristianismo?

Olavo: Em primeiro lugar, é preciso distinguir entre os fenômenos e a doutrina espíritas. Muitos dos fenômenos são comprovados — eles acontecem mesmo. Porém, as conclusões doutrinárias que são extraídas, em grandiosa variedade, para mim, são de uma confusão enorme. Não é possível deduzir do estudo desses fenômenos uma teoria científica e, ao mesmo tempo, uma doutrina religiosa — o cérebro humano não alcança isso. E é justamente isso que os espíritas tentam fazer. Eles estão tentando obter um resultado com base em um material que não lhes permite — o que não quer dizer que esse material não seja valioso em si mesmo. Acho que até hoje não foi feito um estudo sério, distinguindo essas coisas: os fenômenos comprovados e as conclusões que deles podem ser tirados.

Confesso: eu não estudei esse assunto com a profundidade devida, tenho dele uma noção esquemática apenas. Parece-me que a pretensão de que todas as almas reencarnam é, matematicamente, inviável. O que não quer dizer que não haja jamais uma reencarnação. Afinal de contas, esses casos de experiência de quase morte⁸ são um retorno à vida carnal — Deus manda a pessoa de volta, isso pode acontecer. Não acho que esse seja um assunto no qual reine um sincero desejo de esclarecer as coisas.

Aluno: O que o senhor acha da série “Sócrates encontra X”, de Peter Kreeft?

Olavo: Gosto muito, mas acho que o autor é demasiado delicado — esse é o problema americano, de modo geral. Para falar publicamente sobre qualquer assunto nos EUA exige-se um conjunto de normas de polidez do tamanho de uma lista telefônica. Há ainda o conceito da linha (que eu acho o mais absurdo possível): sempre que algum sujeito extrapola levemente alguma dessas normas, a mídia americana inteira cai em cima alegando que ele “cruzou a linha”, “ele foi longe demais”. E quem demarca a região do permitido e do proibido? A própria mídia, mídia essa que não passa de um bando de salafrário. De modo análogo, há um bando de salafrário nas universidades também. Às vezes, para dizer uma coisa óbvia, é necessário colocar tantos amortecedores, tantas questões preliminares que quando se chega na tese tudo

⁸ No curso “A Consciência de Imortalidade” (transcrito no livro A Consciência de Imortalidade, Vide Editorial, 2021) o professor Olavo aborda mais detidamente este problema.

já está diluído. Por exemplo, estive lendo o maravilhoso livro *A Secular Age* (Uma Era Secular) do Charles Taylor (que é um monstro de erudição e de inteligência); só para ele colocar os conceitos preliminares ele antepõe muitos amortecedores, coloca ares da maior dificuldade, e, no final, a força do livro se dilui. O livro tem quase mil páginas, mas poderia ter duzentas — e diria muito mais. Mas eu acho que no meio anglo-saxônico (principalmente nos EUA) dizer as coisas como elas realmente são está meio proibido.

Aliás, esse é o motivo do sucesso do Donald Trump, porque ele decidiu romper com esse conjunto de regras — e por isso é o primeiro sujeito que está falando inglês claro. Isso é muito chocante para as pessoas aqui. Quando me mudei para os EUA, acreditava que poderia escrever alguns livros em inglês. Embora eu saiba escrever corretamente nessa língua, não consigo participar dessas regras. Se escrever do meu jeito, os americanos terão ataque cardíaco quando lerem; vão pensar que eu sou um criminoso, um assassino.

Aluno: O debate com o Alexandr Dugin foi uma amostra do seu estilo.

Olavo: Sim. Mas eu não fui em nenhum momento impolido com ele. Fui, ao contrário, respeitoso. E o fui porque realmente o admiro; eu não fingi polidez.

Aluno: Mas você foi firme. Para o americano já estava excessivo.

Olavo: Fui firme sim. Mas se fosse um debate com o Emir Sader, ou com a Marilena Chaui, não poderia ser respeitoso com eles. Só o sou com pessoas que eu realmente respeito, que possuem algum motivo real para respeitar [1:10]. Quando perguntam para mim: “com qual pessoa da esquerda você debateria?”, respondo: com Antonio Negri, porque é um sujeito que eu tiro o chapéu. Iria tratá-lo de maneira firme, porém respeitosa, então estaria dentro, mais ou menos, do que é aceitável no ambiente anglo-saxônico. O americano tem terror de ofender as pessoas, de incomodá-las, tudo ele pede desculpa; é incrível. De certo modo, é até comovente. Quando isso é transposto para o mundo do debate intelectual, acho que fica tudo meio falso.

Retomando: o problema com Peter Kreeft é este. Há momentos em que ele, discutindo com algum filósofo, se depara com afirmações que são obviamente da maior estupidez, e ele acolchoa aquilo de tal maneira que a própria estupidez se torna mais bonita do que é.

Aluno: Poderia discorrer sobre o provável quadro da vida intelectual brasileira após a sua morte?

Olavo: Eu não tenho planos de morrer tão cedo; pretendo continuar. O que as pessoas vão fazer após a minha morte é coisa que eu não vou planejar de jeito nenhum. O que posso fazer é o que as pessoas já estão fazendo. Estou tentando criar uma geração de intelectuais mais séria, e acho que a estou criando; acho que está funcionando. Os primeiros sinais que aparecem são muito auspiciosos.

Aluno: Frequentemente tenho visitado uma imagem de uma plêiade de ex-alunos muito bem nutridos intelectualmente mas ainda incapazes de articular tudo isso em uma vida de valor.

Olavo: Uma coisa é a formação intelectual, outra é a formação do caráter. Eu posso dar algumas dicas sobre a formação do caráter, mas dificilmente posso influenciá-la. Não dá para fazer isso à distância. No máximo, posso dar alguns exemplos, mostrar como se fazem as coisas. Nisso temos de lembrar a frase de Goethe: “o talento se aprimora na solidão, o caráter

na agitação do mundo”. É a própria prática de entrar em debates, enfrentar as pessoas que irá formar o seu caráter. Nesse ponto não posso ser moralmente responsável pelo que os alunos fazem. Intellectualmente sim, tenho de assegurar um nível mínimo — o que eu já acho que está. No máximo, o que posso fazer é apelar às pessoas para que não façam certas coisas, para que não infrinjam certas normas morais elementares. De qualquer modo, prometo voltar mais a este assunto, já que o aluno aqui chamou a atenção.

Também, não posso esquecer o seguinte. Tudo o que escrevo e ensino, foi resultado de uma vida muito complexa, muito cheia de acontecimentos — tão cheia que eu não consigo contar. Eu não escrevo um livro de memórias porque não vai dar tempo. Aconteceram muitas coisas, e muitas delas eu não entendi até hoje. Não me refiro aqui apenas ao aspecto da vida pessoal e familiar, mas também da vida pública. Tive contato com pessoas importantes, agentes históricos importantes; eu os conheci, os vi atuando. Fui testemunha de muitas coisas importantes. Não dá para contar, são muitas coisas.

Aquele menino que nunca saiu de casa (típico piá de prédio) e começa a estudar, de repente está lendo Platão, Aristóteles, Santo Tomás de Aquino, e logo quer entrar na briga: ele percebe que tem os elementos intelectuais. Mas o problema não é o que você sabe, mas quem você é. Aquilo que você é será testado na própria vida. Por exemplo, o sujeito entra em uma discussão esperando polidez ou honestidade do seu interlocutor. Podemos esperar isso caso seja uma pessoa realmente honesta, mas fora disso você tem de estar preparado para discutir com um vigarista, se expondo aos golpes mais baixos que se possa imaginar. De qualquer modo, a imagem da vida intelectual americana pode ser muito atraente para o brasileiro. A pessoa lê as discussões acadêmicas dos EUA e se imagina participando de uma delas. Tudo isso é muito elegante, mas não é a realidade da nossa vida. Mesmo essa elegância americana, ela serve mais para encobrir a realidade do que para revelá-la. Nós devemos estar preparados para situações para as quais não estamos preparados: quer dizer, preparar-se para o imprevisto, porque pode acontecer qualquer coisa — o que acontecer na hora vou me virar e me sair bem. Temos de entrar na briga com essa expectativa, de que tudo pode acontecer. Temos de estar preparado também para sofrer golpe baixo, humilhação — porque tudo isso vai acontecer, necessariamente. Até onde você tem paciência? Até que ponto você tem superioridade moral para enfrentar essas coisas com firmeza, mas sem perder o bom humor? Ficar indignado é a pior coisa que pode acontecer — nunca fique indignado. Você deve encarar tudo como um soldado encara a guerra: “estou aqui para atirar neles e eles para atirarem em mim”; quer dizer, você não pode ficar ofendido. Imagine um soldado americano que entra no front, percebe que o inimigo está atirando nele e fica indignado porque está levando chumbo. É uma situação cômica, evidentemente; o soldado está lá para isso mesmo.

Aluno: O problema é que a ciência moderna não quer explicar a associação entre a cosmologia e o homem porque ela sequer considera que tal relação exista. (...)

Olavo: Este é que o problema. Uma coisa é a noção do universo físico. Mas o universo físico não existe, ele é uma abstração. Ou seja, do conjunto da experiência que temos, mediante certos esquemas, você isola uma parte e chama de universo físico. Mas esse universo físico é o mesmo no qual você existe. Se você passa a considerar que o universo físico é a realidade, então você está dentro da irrealidade, a sua ciência também é irrealidade, embora ela possa ser verdadeira no seu conteúdo. Você está dizendo coisas verdadeiras, mas a prática dessa ciência é uma irrealidade cultural, e isso evidentemente é uma situação alienante. O indivíduo, quando se acostuma com isso, pode acertar em uma coisa ou outra, mas no conjunto vai estar sempre dizendo besteira.

Aluno: (...) Eu gostaria muito de descobrir essa relação, pois não a conheço de fato.

Olavo: Mas ela não é assunto hoje em dia. De vez em quando surge alguma especulação, como por exemplo o congresso sobre os universais do espírito humano presidido pelo Edgar Morin e Massimo Piattelli-Palmarini. A intenção é muito boa, mas esse tipo de sondagem mal começou. Conheci um antropólogo francês, Jacques Halbronn, que também criou um monte de teorias a esse respeito. Não sei se as teorias dele estão certas ou erradas, mas é um esforço de algum modo. Mas a quase totalidade do mundo acadêmico vive perfeitamente bem sem isso.

Eu quero ver, a partir das suas teorias, você explicar a existencia da sua teoria como fenômeno histórico. Se não há relação entre uma coisa e outra, então você está vivendo de fato num mundo de duas cabeças: tem o universo físico e o universo da cultura. Qual é a conexão entre uma coisa e outra? Simplesmente não existe. Existe somente na base da suposição. Por exemplo, você pode criar uma explicação evolucionista para a cultura. Mas se a própria teoria da evolução considerada como teoria referente à natureza física está cheia de suposições e de saltos lógicos, quanto mais não estaria a aplicação dela à evolução histórica? E mais ainda: qual seria a conexão? Nos EUA existem vários especialistas no estudo da psicologia evolutiva; por exemplo, existem teorias políticas baseadas na evolução, mas tudo isso são conjecturas [1:20], são especulações imaginativas. Enquanto especulação imaginativa, a dos medievais era muito melhor, era muito mais integrada, muito mais coerente e a cultura que ela produziu justifica inteiramente a sua existência. Se, no mundo moderno, você me mostrar alguma obra de arte que possa competir com as catedrais medievais em complexidade, em riqueza, em integração e em importância da inspiração que ela dá à própria filosofia, daí sim. Agora, quando você compara a arquitetura gótica com a bauhaus, é para chorar.

Aluno: Como estudo a cosmologia medieval?

Olavo: A quantidade de livros sobre isso é tão gigantesca! Por exemplo, todos esses estudos de Jacques Le Goff são muito bons, o livro sobre os intelectuais na Idade Média. Este livro do C. S. Lewis, *The Discarded Image*, é indispensável (com essas ressalvas que coloquei no começo), e ele mesmo vai lhe dar muitas dicas bibliográficas.

Aluno: Falando sobre o conhecimento dos antigos, poderia falar alguma coisa sobre o Trivium? Como ele poderia melhorar o nível do nosso ensino?

Olavo: A relação entre a gramática, a dialética (ou lógica) e a retórica é absolutamente essencial. Se você não afinar o seu ouvido para raciocinar nessas três claves, nunca entenderá coisíssima nenhuma. Por exemplo, imagina um sujeito que vá estudar lógica (ou até lógica matemática) sem ter uma fina compreensão da linguagem, das nuances, sem um domínio literário da língua: ele nunca entenderá coisíssima nenhuma. Ele sempre verá tudo naquele nível que ele compreende, que é o lógico-matemático — e só. O sujeito tem de entender que a elaboração de um único conceito lógico passa por muitas etapas, por muitas transformações desde o material dos sentidos, sob pena de não entender o produto final. O Trivium nesse caso é de uma utilidade extraordinária.

Aluno: Essa destruição da consciência humana poderia ter começado com a arte? Essa servindo como um projeto piloto a partir das idéias como a de Marcel Duchamp?

Olavo: Não, esse negócio começou muito antes. Isso começa na Renascença, isso começa com Galileu e Newton, evidentemente. Newton tinha alguma consciência de que era preciso integrar as duas coisas. A maior parte do esforço dele foi para criar uma teologia, na qual ele

integrava a sua lei da gravitação universal. Essa parte de Newton só começou a ser estudada (e muito pouco) no século XX, e causou estranheza, de maneira que aquilo que para Newton traduzia uma relação íntima e absolutamente inegável se tornou uma surpresa para os caras que descobriram que ele se interessava por essas coisas. Até hoje eles tentam explicar psicologicamente por que Newton se interessou pela alquimia. Quer dizer, eles partem de um modelo estereotipado do que é um cientista moderno e aplicam retroativamente a um sujeito que não era um cientista moderno. Isso já mostra uma alienação total. Até hoje estão desenterrando aspectos desconhecidos de Newton. Eu não sou capaz de julgar, mas nem de longe, esse esforço teológico de Newton. Parece-me falhado, mas não sei. Os textos que foram publicados são poucos em relação ao total da produção dele; e disso eu li quase nada, então como é que vou julgar. Mas eu sei que para ele ainda tudo isso estava integrado. Na época de Newton não se falava de filosofia natural (a física se chamava filosofia natural), e isso continua até o fim século XVIII.

Mas a ruptura começa sobretudo com esta distinção feita por Galileu e Newton entre as qualidades primárias e qualidades secundárias dos objetos. Qualidades primárias são aquelas que podem ser medidas e qualidades secundárias são aqueles que dependem do aparato de percepção humana. Mas existe alguma coisa mais subjetiva do que medida? Medir é comparar uma coisa com outra. Quem faz essa comparação? É a mente humana. É aquele negócio que Wolfgang Smith chama “a bifurcação”, mas não é só bifurcação: os caras não apenas bifurcam o mundo em dois pedaços, como se essas coisas se dessem em realidades separadas, quando se dão na mesma realidade, mas ainda invertem, chamam de mente o que é matéria e de matéria o que é mente. Essa confusão dura até hoje.

Aluno: Eu compreendo que a cosmologia medieval abranja significados antropológicos e filosóficos muito superiores aos do nosso tempo. Mas, levando em conta os conhecimentos astrográfico que temos hoje, que nos permitem viajar aos confins do nosso sistema solar, faz algum sentido a crença de que desenhos e constelações e perspectivas dos movimentos dos astros, desde a nossa posição aqui na Terra, possam ter algum significado?

Aluno: Ao contrário, a referência para as viagens espaciais é geocêntrica até hoje. Não só para viagem espacial, mas para navegações marítima e aérea. É claro que tudo isso faz sentido. Além disso, todos os progressos da cosmografia não têm nada a ver com a cosmologia, não tem como comparar uma coisa com a outra. Você pode dizer que os antigos tinham uma cosmografia meio deficiente, um pouco primitiva, mas que veiculava uma cosmologia integral.

O que é cosmologia hoje? Você lê qualquer livro de cosmologia atual, está escrito que cosmologia é o estudo dos modelos possíveis de universo, sem levar em conta se algum deles algum dia foi levado à prática. Então é especulação imaginativa. Só que é uma especulação imaginativa que deixa de lado todo o mundo humano, histórico etc. — ou seja, até a concepção puramente física do universo é imaginativa. Se é para comparar modelos imaginativos com outros modelos imaginativos, o medieval continua muito melhor porque pelo menos ele tem uma noção do que é realidade, quer dizer, aquilo que Louis Lavelle chama “a presença total”. E esses caras da modernidade não têm presença total, eles vivem em um mundo de abstração, onde tudo é separado. Quer dizer, o universo que eles estudam não é o universo onde eles estão. Esta tensão entre o que conheço mediante comparações abstrativas e o que sei da minha própria posição é absolutamente indispensável para ter senso da realidade. É por isso que diz Edmund Husserl: a Terra dos astrônomos se move, mas a Terra onde andamos não se move. Nós vivemos essas duas coisas. Eu aqui andando, estou andando sobre um terreno fixo, porque, se ele se mover, eu caio — essa é experiência de todos os seres humanos. Porém, olhando desde um ponto de vista hipotético e medido, eu chego a outra conclusão. Essas duas

coisas são verdadeiras, uma não desmente a outra, e a tensão entre elas é que vai definir a nossa posição não só no espaço, mas na história, no tempo etc. etc.

Outro problema que surge aí é o do tempo qualificado. Qualquer ser humano sabe que a sua vida tem épocas diferentes onde de repente tudo muda, o quadro todo muda, você busca outras coisas, percebe as coisas de outra maneira. Esses distintos tempos tem, para você, subjetivamente uma qualidade diferente, do mesmo modo para a humanidade inteira os tempos têm qualidades diferentes. Sabemos, por exemplo, que a nossa experiência do mundo não é hoje a mesma que era nos anos 30 ou 40 do século passado, que era a épocas dos grandes totalitarismos etc. — era outra coisa completamente diferente. E não existe na sociedade moderna uma consciência da distinção entre as qualidades dos tempos, que é uma coisa que na Idade Média todo mundo tinha. O tempo todo era medido em função de um senso das eras e do ano [1:30] litúrgico, então todos eles tinham essa afinação. E agora o pessoal está tentando compreender novamente isso.

Recentemente foi publicado um livro de Jacques Le Goff, *Em Busca do Tempo Sagrado*, que é um estudo do livro de Jacopo de Varazze, *Legenda Aurea* (A Legenda Dourada), que reúne uma sucessão de histórias (meio históricas, meio míticas) da vida dos santos, conforme o calendário litúrgico. É um livro de uma profundidade abissal, ali tem mistérios e mais mistérios e mais mistérios. Tudo isso se perdeu absolutamente. O que você tem hoje? Você tem um estudioso que está tentando recuperar aquilo. Eulia *A Legenda Dourada* há trinta anos. Quem me chamou atenção para isso foi o Michel Veber. Quanto mais eu lia, mais maravilhado ficava. Tudo isso é um legado do passado que a modernidade, longe de ter superado, está tentando entender. Esse tipo de estudo nos mostra como é ridícula essa pretensão de estar no topo dos tempos contemplando zonas de obscuridade em volta. É o contrário: essa luz do passado nós perdemos, temos de recuperá-la. Só existe progresso quando você conserva o que tinha, qualquer pessoa sabe disso. Por exemplo, se você ganha dinheiro, mas perdeu o que ganhou antes, você não ganhou nada.

É por isso que dizia Eugen Rosenstock-Huessy: “Eu não sei como as pessoas podem ser progressistas ou conservadoras, porque toda pessoa normal é progressista e conservadora”. Quer dizer, você progride porque conserva alguma coisa e conserva porque vai progredir para diante. Este senso da conservação é absolutamente necessário à idéia de progresso. Na sociedade moderna existe uma espécie de idealização hipnótica da mudança. Querem mudar de maneira tão veloz que esquecem o que tinham antes: então perdem conhecimento, consciência. Ao mesmo tempo, essas mesmas pessoas falam em ter consciência histórica.

Mas que consciência histórica, se você não é capaz de pensar, não digo como os medievais, mas como o seu avô ou como o seu pai. Quer dizer, o mundo do seu pai e do seu avô se tornou incompreensível para você, e você acha que está adiante deles, que é superior a eles — mas, na verdade, é porque você não os entende. A ignorância, o não entendimento, é que virou o padrão de qualidade agora. Não podemos mudar isso na civilização contemporânea, não vamos mudar a civilização, mas podemos dirigir a nossa vida intelectual de maneira que ela não seja contaminada por esse tipo de estupidez. Não somos obrigados a ceder a isso.

Transcrição: Jussara Reis de Abreu e Éricson Rojahn.

Revisão: Éricson Rojahn